

q u e é a

por H. LEFEBVRE

DIALÉCTICA?

VI

Para Maxengel, o Terceiro Termo é a solução *prática* dos problemas postos pela vida, dos conflitos e das contradições experimentados praticamente. O excedimento é por êles situado não no tempo abstracto do espírito filosófico («sendo o filósofo uma forma abstracta do homem tornado estranho a si próprio»), mas no movimento da acção e da vida. Onde existe conflito pode existir solução prática e viva, que transforme os termos em presença e ponha fim à sua luta, excedendo-os. Para a análise o descobrir, para a acção realizar esta solução. Como nada é fatal e mecânico, conclui-se que os conflitos que agitam o mundo antigo eram insolúveis; nenhum grupo social era capaz de solucionar as dificuldades económico-políticas do império romano moribundo, e de resolver os conflitos. No mundo actual existe um Terceiro Termo vivendo em formação.

É possível manter a armadura teórica do hegelianismo numa doutrina de transformação? A contradição, o excedimento, o movimento para formas *superiores*, não suporão um *espírito* superior preexistente, que dirija ou organize de dentro o movimento? Desde que se nega esta espiritualidade «imane» do devir, desde que se tomam como termos forças «brutais», a dialéctica hegeliana (e é isto o fundamento de tôdas as objecções à dialéctica materialista), não deixará de ser uma concepção do mundo para se tornar um vocabulário cómodo, um simples empirismo prático? Não. É muito naturalmente ao seu contrário, ao materialismo dos filósofos do século XVIII a das ciências da natureza, e de acôrdo com a sua aspiração essencial, libertando-se da sua forma momentânea e figurada, que a dialéctica conceptual de Hegel deve o tornar-se materialismo dialéctico. Excedendo a sua aparência idealista, sua primeira manifestação num envólucro «misticificador», a dialéctica, longe de perder-se, encontra a sua verdade. A ligação entre as contradições deixa de ser uma ligação estática—primeiro definida lógicamente e encontrada em seguida nas coisas como uma espécie de forma *à priori*—para se tornar uma ligação viva, de que a dialéctica é a expressão e o reflexo. A maior parte dos exemplos hegelianos da determinação recíproca dos contrários (ex.: «Summum jus, summa injuria»—o caminho para Este é também o caminho para Oeste) tornam-se insuficientes. Os termos em presença são forças, actos; a unidade dos contrários não é sòmente penetração ou despedaçamento interno, mas conflito, luta, choque. A luta é uma relação onde os contrários se produzem e se mantêm um ao outro até ao triunfo dum dêles ou até à sua ruína mútua. No decorrer do devir, facto primeiro e imediato da natureza e da vida, (Selbstbewegung—autodinâmica) nascem novas determinações que ficam em relação e muitas vezes entram em conflito com aquelas de que nasceram. Nesta relação recíproca manifestam-se e desenrolam-se as propriedades, a actividade, a essência de cada termo. A contradição deixa de ser concebida como facto lógico para ser reconhecida como facto histórico que atravessa diferentes fases (latência, acuidade crescente, paroxismo, crise, revo-

lução, excedimento ou destruição); o excedimento é ainda acção e vida (Am Anfang was die tat-), é vitória duma das forças que o empurra, que destrói a outra força transformando-a e que se excede a si próprio (negação da negação). A contradição tem pois um carácter concreto, específico, próprio em cada domínio e em cada momento. A ideia hegeliana de construção especulativa e de síntese desassocia-se: o seu carácter *à priori* e conceptual (metafísico) é agitado; ela dá logar por uma parte, a uma teoria geral das leis de desenvolvimento, e por outra parte a um método de análise das particularidades específicas. Esta análise dialéctica, reflectindo sem cessar «a ligação universal de tôdas as coisas» (W. I. U.) aplica-se a inumeráveis fórmulas de oposições e de contradições que ela descobre no mundo. A análise dialéctica, integrando em si conhecimentos científicos e verificando-se neles—descobre até ao mais profundo da natureza um devir e acções recíprocas, actividades e passividades, energias polarizadas—quidades e quantidades, continuidades e descontinuidades, positivo e negativo, (vid. a teoria electrónica da matéria,—a interação biológica do meio interno e do meio externo—o subjectivo e o objectivo e a sua unidade psicológica, etc.)

Em todos os casos da relação complexa e específica dos opostos, sai um movimento de conjunto, uma estrutura, um todo dinâmico e focando através dos acidentes e dos incidentes do desenvolvimento. A interdependência universal (zurammenhang) não é um encadeamento sem forma, um caos sem estrutura. Foi necessária a queda da especulação (a decadência do pensamento burguês!), para que o bergsonismo depreciando uma parte de determinações (os elementos estruturais do devir: a quantidade, a descontinuidade, a distinção) e desassociando-os da qualidade, da continuidade e da unidade, chegasse à fórmula «tudo é um tudo», ao «obsceno caos», que conduz ao misticismo. A dialéctica materialista evita ao pensamento humano estas recaídas na unilateralidade e na confusão. A totalidade do mundo o infinito—finito da natureza, tem uma estrutura determinável e o seu movimento é inteligível sem que seja suscitado por um espírito ordenador. A estrutura, a ordem, o equilíbrio, saiem da acção recíproca, da relação das forças em presença do conjunto de destruições e criações, de eliminações e excedimentos, dos acasos e das necessidades, um e outro e um pelo outro. A ordem sai do devir; a estrutura é idêntica ao movimento dialéctico. As desordens, as crises, são momentos duma ordem superior nascente.

Tôda a realidade é uma totalidade, una e múltipla, de momentos que se envolvem em profundidade e dos quais cada um contém outros momentos, outros aspectos, outros elementos saídos da sua história. A realidade transporta assim o pensamento e o ser é anterior à consciência; a realidade é natureza, matéria, mas contudo, captável na sua infinita riqueza de determinações pelo pensamento humano que progride, apoiado na «praxis», e se torna cada vez mais penetrante, flexível, «policópico», e tende como para um limite, para o conhecimento absoluto.